

Recebido em: 08-12-2023

Aceito em: 19-02-2024

A REFLEXÃO DA MEMÓRIA E CULTURAS NEGRAS REPRESENTADAS NAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS DE JORDAN PEELE

Laís Batista Melo¹

Gabriel Nojosa²

Pítia Berrêdo³

Resumo: Apresenta reflexões acerca da memória e cultura negra no campo cinematográfico nas produções do cineasta Jordan Peele. Para isso, analisa-se os filmes - Corra! (2017), Nós (2019) e A Lenda de Candyman (2021) - cuja temática acerca das relações raciais se faz presente. A pesquisa se pauta em revisão bibliográfica de abordagem qualitativa. Os resultados apontam que a ação do embranquecimento populacional, que considera a identidade negra como subproduto, relegou o conhecimento e o discurso ancestrais até seu esquecimento social, e mesmo após séculos, é palpável a marginalização de pessoas negras e o racismo em todas as suas formas e estruturas na sociedade atual. Conclui-se que as produções de Jordan Peele recuperam a ancestralidade como um sinal de alerta sobre uma dinâmica social que se fortalece a partir de uma memória de opressão de uma cultura e do apagamento de uma memória ancestral.

Palavras-chave: memória negra; cultura negra; Jordan Peele; representatividade racial; cinema.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade é percebida essencialmente pela sua capacidade de reter e registrar as experiências vividas, compartilhando tais informações sob uma ótica afetiva que demandava a recuperação, conservação e disseminação desta. O laço afetivo e necessidade ancestral informacional foram refletidas na sociedade através do seu registro em suportes físicos, ou através da oralização de gerações. Era comum, para certas comunidades ancestrais, que pessoas fossem responsáveis pela oralização da memória e cultura de seu povo. No continente africano, algumas tradições atribuíam tal responsabilidade aos cargos de “homens-memória”, o escritor malinês Bá

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, onde também atuou como bolsista no PET Biblioteconomia. Em quesito de atuação profissional, identifica suas produções científicas e técnicas dentro das linhas de pesquisa de "Memória, Mediação e Organização do Conhecimento" e "Gestão da Informação e do Conhecimento". Se considera ativista dentro de movimentos de minoria, em destaque pelo movimento LGBTQIA+ e Preto, e promove pautas acerca de: decolonialidade e organização do conhecimento; sistemas de organização do conhecimento; gestão estratégica da Informação; gestão do conhecimento organizacional; e, a inovação do profissional da Informação.

² Discente do Curso de Biblioteconomia (bacharelado) na Universidade Federal do Maranhão.

³ Discente do Curso de Biblioteconomia (bacharelado) na Universidade Federal do Maranhão.

(2010) descreve que essas pessoas Griots onde tais indivíduos absorviam de tradições, histórias e comemorações para que fosse repassado para a próxima geração, desta forma se era testemunhado fatos importantes do passado em prol da memória coletiva de um povo específico, sendo suas práticas fundamentadas na ancestralidade. Além do mais,

Le Goff (1990) dispõe o conceito de memória como elemento de conservação de informações, também podendo estar relacionado ao campo psíquico individual e/ou coletivo em que se torna acessível buscar por informações passadas. Similarmente, no estudo discorrido por Báez (2006), o autor aponta que a palavra “memória” provém do latim *memór-oris*, que corresponde a “aquele que recorda”, estabelecendo um paralelo com o passado.

Assim chega-se à concepção da construção da identidade, que passa a ser compreendida a partir da conscientização das referências sociais, políticas e econômicas do ser humano, compartilhando a visão performada por Pinto e Ferreira (2014). É possível observar, através dessa informação, que mesmo após uma construção histórica até a atualidade e sua visão de elucidação histórica, há ainda a dificuldade na formação da identidade étnico-racial, em específico, a negra, e das relações históricas de poder. Apesar de notar-se, por esta perspectiva, que a população negra foi sido um dos grupos fundamentais para a construção social, esta ainda se encontra em uma situação de subalternidade em vários aspectos, visto que a identidade do homem e da mulher negra ainda são marginalizadas e perpassadas por estereótipos racistas, promovendo ainda mais sua invisibilidade e sub-representação, sistemas que legitimam o racismo direcionado à parcela populacional negra, assim como a perpetuação de micro-agressões, violência policial, e vulnerabilidade econômica, ambiental e profissional. Ou seja, para o indivíduo que se identifica como uma pessoa negra é requisitado que prove constantemente seu valor à sociedade sem a asseguaração de seus direitos e necessidades, e isso contribui para um histórico de violência e dor intergeracional a esse grupo populacional.

A memória, dentro do viés estudado, é caracterizada como um instrumento disponibilizado para a população negra para se afirmar positivamente perante a sociedade. Neste intuito, colocou-se como argumento de pesquisa o fato de que a representatividade étnico-racial em formatações audiovisuais, independente de seus gêneros, orçamentos e enredos auxiliam na divulgação da memória e cultura negra mundial, onde destacam-se as obras cinematográficas: *Corra!* (2017), *Nós* (2020) e *A lenda de Candyman* (2021), produzidas por Jordan Peele, que utiliza de vários contextos culturais e de memória de origem negra para explicar a trama por detrás de cada metragem. Os

enredos encontrados nos materiais se apropriam de várias percepções de cultura e história negra para salientar sua crítica e demonstrar que há algo a ser abordado em personagens negros além do proposto em produções anteriores, frisando que a identidade negra deve ser afirmada e que a predominância e sustentação do abismo ainda é uma barreira a ser destruída socialmente.

A arqueologia das mídias, utilizada como instrumento de estudo, auxilia na compreensão do impacto do cinema enquanto meio e prática de memória e preservação cultural, pois corresponde ao estudo e investigação nos aspectos e camadas históricos das mídias sob uma perspectiva pragmática, proporcionando um paralelo discursional entre passado, presente e futuro. Assim, sua atividade considera o estudo da atividade humana passada, por meio de sua cultura material, seus restos físicos e seus artefatos simbólicos para uma discussão de seus reflexos atuais e futuros (Crespo, 2019). A representatividade negra na indústria cinematográfica disposta neste artigo é tida como uma análise do que foi vivenciado por sua comunidade desde os primórdios históricos até atualmente, destacando as vitórias, angústias e direitos que tiveram que ser contemplados para sua inserção na sociedade e como há ainda uma visão de luta e preservação de sua cultura e memória.

Considerando isso, o objetivo do artigo é apresentar as produções cinematográficas de Jordan Peele e realizar uma reflexão sobre a memória e cultura negra, valorizando as questões raciais abordadas dentro destas para disseminação de informação através do audiovisual, material adquirido por meio de pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa.

2 METODOLOGIA

Parecera constituição metodológica exposta nesse artigo é disposta em uma abordagem qualitativa, baseando-se nas concepções adquiridas mediante bibliografias voltadas para teoria e prática das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Cinema. São levantadas para constituição do trabalho as produções audiovisuais e sonográficas relacionadas à composição do trabalho de Jordan Peele, ao movimento Black Lives Matters e Movimento Negro, encontradas em plataformas digitais, e publicações acadêmicas indexadas em contexto similar aos refletidos nos filmes destacados, produzidos pelo comediante, roteirista, produtor e diretor norte-americano Jordan Peele, e nos estudos de caso dentro destes. Considera-se como instrumento de pesquisa, o conceito de arqueologia de mídias para compreensão dos fatos de memória e cultura negra presentes

nas produções de Jordan Peele e o aspecto de análise fílmica para a discussão dos filmes e do que neles está contido.

A informação foi obtida através das plataformas de teor midiático do Youtube, junto à literatura filtrada nas bases de dados Scielo, Biblioteca de Trabalhos, Dissertações e Teses e Google Scholar sob os termos indexados: Corra!, Nós, A lenda de Candyman, Jordan Peele, história negra, cultura negra, memória negra e audiovisual como fonte de informação. Foram encontrados cerca de 150 materiais em formato visual, sonoro e audiovisual, no entanto, para este estudo foram utilizados 16 elementos bibliográficos devido à especificidade do tema de pesquisa e pela sua compatibilidade com o desenvolvimento e objetivos do estudo.

3 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA E CULTURA NEGRA

Um dos principais elementos que caracteriza a humanidade é a sua capacidade de reter e registrar as experiências vividas e compartilhar essas informações com os seus semelhantes a fim de que tais informações não se percam, sendo que em algumas sociedades essas informações eram registradas em suportes físicos ou passadas oralmente por pessoas que eram escolhidas para tal feito. Exemplo deste ato são os Griots, que são os guardiões da memória de seu povo e desta forma testemunharam fatos importantes do passado e alimentam a memória coletiva através da oralidade.

Por ser um elemento voltado para a conservação de informações, crê-se que a memória também pode ser tida como o ato de busca e recuperação de informações passadas, estando principalmente presente em um campo psíquico de uma cultura (Le Goff, 1990). Nora (1993) conceitua a memória:

A memória é a vida, sempre levada por grupos vivos e, por isso mesmo, está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e a revitalizações repentinas. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido com o presente eterno (Nora, 1993, p. 9).

A construção da memória é imprescindível para formação da identidade tanto individual quanto coletiva, segundo Le Goff (1990: não paginado), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” sendo capaz de trazer

o senso de identidade e pertencimento, deste modo ela exerce também papel político, ela possibilita a criação de referências que estão inseridas no passado.

A memória traz consigo a questão de quais experiências deverão ser lembradas ou esquecidas, deste modo, sendo um instrumento de poder. Para Polak (1989), a memória é uma construção coletiva, fruto dos acontecimentos do passado e que se quer salvaguardar, construção coletiva de várias memórias individuais. Quando se fala em memória afrodescendente, Missiatto (2021) comenta que seu apagamento da memória foi um processo histórico gestado no período colonial, que começava a partir do nome de origem (africano), partindo para outras formas de aniquilamento, da memória individual e coletiva. O silenciamento sob o véu do racismo e escravidão reduziu a negritude a uma subcategoria e silenciando os saberes, histórias, identidade, lutas e cultura do povo negro e dessa forma, fazendo com que conhecessem apenas um lado da história tido como oficial.

O desenvolvimento de estudos e pesquisas que se esforçam em resgatar a memória negra é de suma importância para desta forma lutar contra o racismo que atinge a população negra e valorização da cultura e identidade negra, visto que a representação do negro na sociedade devido o racismo corrobora com a exclusão e interiorizando no bojo da sociedade estereótipos negativos. No âmbito da Ciência da Informação, podemos destacar o grupo de trabalho Relações Étnico-Raciais e Descolonialidades (GT RERAD) que integra a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) que busca discutir e contribuir com os debates em torno das relações étnico-raciais, bem como pela efetivação da Lei Federal nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio, assim como o estabelecimento do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar, e a Lei Federal nº 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O Quilombo Intelectual idealizado pela bibliotecária negra e pesquisadora, doutora Franciéle Garcês (UFMG) que se dedica a pesquisar acerca das relações étnico-raciais e estudos decoloniais no âmbito da biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como o Selo Nyota idealizado por bibliotecários que visam contribuir com a produção e disseminação de conhecimentos produzidos por pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+ e entre outros grupos sociais,

bem como o livro *O negro na biblioteca: mediação da informação para construção da identidade negra* de autoria da bibliotecária, pesquisadora e doutora Francilene Cardoso.

A memória juntamente com a identidade possibilita aos indivíduos a sensação de pertencimento, estarem conectados entre si, seja por uma trajetória ou origem e assim como a memória, a construção da identidade é um processo individual e coletivo, construída a partir das interações que se tem com o mundo exterior, para Cardoso (2015), é necessário a presença do outro para tomar consciência de nós mesmos e é dessa maneira que se dá a construção da identidade negra, sendo na sociedade brasileira marcada por questões raciais desiguais como a construção de uma identidade nacional, mito da democracia racial que conforme Silva (2019), camufla o racismo na sociedade, limitando a construção da identidade negra e bem como a identificação pessoal com elementos que caracterizam a cultura negra.

A construção da identidade passa a ser compreendida também a partir da tomada de consciência em que as referências também conduzem esse desenvolvimento, então para além da dimensão subjetiva, ela também possui sentido político no sentido de dominação e poder de um povo sobre o outro, compartilhando a visão de Pinto e Ferreira (2014):

Considerando que as relações entre os seres humanos, inclusive as de ordem intersubjetiva, estão perpassadas por relações de poder e manutenção de interesses, pode-se compreender o contexto das relações raciais, em que se observa uma efetiva visão acerca da desigualdade entre a população negra e a população branca (Pinto; Ferreira, 2014, p. 261)..

Ao analisar a formação social brasileira pautada no mito da democracia racial que permanece arraigada na sociedade, compreende-se que há a dificuldade na formação da identidade negra e das relações históricas de poder e que apesar de a população negra ter sido um dos grupos fundamentais para a construção social, ela ainda se encontra em uma situação de subalternidade em vários aspectos, visto que a identidade do homem e da mulher negra ainda são perpassadas por estereótipos racistas e a invisibilidade e a sub-representação são mecanismos que legitimam o racismo que atinge a população negra.

A memória quando preservada busca preservar o passado e alimentar o presente, o contexto em que os indivíduos se encontram e no futuro acionar as referências inseridas no passado. A memória e identidade se constituem enquanto elementos importantes no processo de construir e afirmar uma identidade, visto que a população negra pode acionar a sua própria história para se afirmar positivamente perante a sociedade. O desenvolvimento de ações que busquem valorizar a

memória e a cultura negra vem se dando ao longo de anos a exemplo da Lei nº10.639/2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

A Lei nº10.639/2003 argumenta que, na prática de ensino na educação básica (ensino fundamental e médio) em escolas militares, públicas e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, sendo incluído em seu conteúdo programático o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, proporcionando a discussões acerca das representações que foram construídas ao longo de anos com relação à população negra e que incentiva a discussão de temáticas étnico-raciais no campo cultural e intelectual. Atualmente estamos inseridos em um contexto tecnológico em que a difusão de imagens em movimento ocorre com rapidez e as produções cinematográficas se revelam instrumentos importantes para que se possa desconstruir estereótipos carregados no interior da sociedade.

4 A REPRESENTATIVIDADE CINEMATOGRAFICA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA, MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA NEGRA

Desde a nova infusão de informações sobre a busca pela auto-imagem do ser em uma sociedade e suas raízes, é visível a promoção de discussões sobre representatividade no meio cinematográfico. O objetivo da argumentação é focado em entender que, emitido por um sistema majoritariamente branco que em consequência imortaliza majoritariamente uma cultura branca, é necessário serem abordadas narrativas de outras perspectivas raciais como forma de perpetuar e preservar essas memórias e culturas não-brancas, independente de suas origens estarem ou não vinculadas a um histórico de violência.

Pouco reverenciado no âmbito de pesquisa no Brasil, a arqueologia das mídias permite entender o impacto do cinema enquanto meio e prática de memória e preservação cultural. A priori, a arqueologia das mídias corresponde ao estudo e investigação nos aspectos e camadas históricos das mídias sob uma perspectiva pragmática, proporcionando um paralelo discursivo entre passado, presente e futuro, sendo ainda considerada uma leitura contra a corrente, pois apresenta um caráter híbrido entre a 'metodologia de

pesquisa' dada por Foucault e uma definição mais literal, assim estuda a atividade humana passada, por meio de sua cultura material, seus restos físicos e seus artefatos simbólicos (Crespo, 2019). A representatividade negra na indústria cinematográfica vem, portanto, como uma análise do que foi vivenciado por sua comunidade desde os primórdios históricos até atualmente, destacando as vitórias, angústias e direitos que tiveram que ser contemplados para sua inserção na sociedade e como há ainda uma visão de luta e preservação de sua cultura e memória.

Olhando pelo ponto de vista do cinema como fonte de informação, este se adequa junto a livros como uma fonte primária que busca refletir aspectos da sociedade que são absorvidos direta e indiretamente, podendo ser também dado para a contemplação de obras terceiras. Como observado por Carla Façanha de Brito:

Tratado como arte, o filme visto sob uma ótica maior, a do cinema estimula as múltiplas leituras ao permitir que o telespectador veja a representação da realidade ao descortinar um mundo de criatividade e efeitos visuais, não impedindo que o processo de compreensão e apreensão da realidade (Brito, 2017, p.10).

Com um histórico de luta e resistência, é quase inacreditável como a comunidade negra pouco tem tido a oportunidade de representatividade na indústria cinematográfica. Não só pela escassez de personagens negros em filmes e documentários de massa, mas também pela construção da personagem negra que raramente é aprofundada nas tramas, isto quando não também colocada como um alicerce para destaque da personagem principal branca. Há todo um fascínio normalizado na sociedade e indústria cinematográfica a fim de propor uma representação negra e rotulá-la como uma representatividade.

A palavra “representação” sugere a reprodução de algo já escrito, quando sugerido que há representação negra na cinematografia, refere-se ao ato de reproduzir uma personagem negra no filme que não possui trama, falas ou impactos na construção da história principal, ela é um espelho do que você olha ao redor, e tal qual uma imagem no espelho, não emite voz. A representatividade é a voz da personagem negra, é a abordagem de que aquela personagem está ali para ser independente e produzir impacto no filme, contar de suas experiências e reproduzir de sua memória e cultura racial consciente e inconscientemente. Brito apud Burke (2004) nos diz que: o fascínio que as imagens em movimento reproduzidas em tela, aliadas a um enredo, seja ele mudo ou não, despertam no público que as assiste, revela o potencial dessa arte como um instrumento capaz de

interferir na concepção reflexiva de seu espectador, conforme o que ela apresenta, e principalmente, como apresenta.

Jordan Peele vem dentro dessa vertente de entendimento de representatividade cinematográfica de memória e cultura negra demonstrar que houve e ainda existe um estereótipo em cima da comunidade negra que impede a produção de filmes e documentários que impactem esse público e que também normaliza o pensamento de exclusão social e estrutural da comunidade negra, principalmente nos Estados Unidos, país de origem de Jordan Peele.

Voltado para a produção cinematográfica de gêneros de terror e horror, o norte-americano explica em entrevistas (Jordan Peele, 2021; Candyman, 2021a; Candyman, 2021b) publicadas e disseminadas na plataforma do YouTube que, ao longo das décadas, foram imortalizados no cinema diversos vilões como Freddie Krueger (A Hora do Pesadelo) e Michael Myers (Halloween), e que sendo um grande fã do gênero, ele se sentia de fora desse ambiente de interação pela escassez de filmes de terror e horror negros e pela frequência em que personagens negras eram rasas e descartáveis nas metragens, daí a necessidade de produzir algo dentro da vertente de terror e horror negro em que ele pudesse se sentir representado adequadamente.

Para Elsaesser (2018), a ideia de compreender o cinema como arqueologia das mídias tem asseguradas sua pertinência e atualidade no fato de não considerar a singularidade do cinema como forma de arte, nem sua especificidade como meio. Ao contrário, considera passado, presente e futuro do cinema integrados firmemente em outras práticas midiáticas, outras tecnologia e outros usos sociais, tendo, ao longo de sua história, interagido, sido dependente, complementado ou antagonizado, com todas as formas de entretenimento, de buscas científicas, de aplicações práticas e de usos militares (Crespo, 2019, p. 24).

Destacado pelas suas produções *Corra!* (2017), *Nós* (2020) e *A lenda de Candyman* (2021), Jordan Peele utiliza de vários contextos culturais e de memória negra para explicar a trama por detrás de cada metragem. Em *Corra!* (2017), vencedor do Oscar de melhor filme em 2018, pode-se observar que, além dos aspectos explícitos da normalização do racismo estrutural nos Estado Unidos, há também a consciência de marginalização negra. A construção de um rapaz negro que, por várias vezes, se vê deslocado dentro da comunidade branca da namorada analisa ainda a desvalorização e vitimização de corpos negros na atualidade. O enredo se apropria de várias percepções de cultura e história negra para salientar sua crítica e demonstrar que há algo a ser abordado em personagens negros além do proposto anteriormente.

5 AS PRODUÇÕES DE JORDAN PEELE COMO AÇÃO DE PRESERVAÇÃO E REFLEXÃO DA MEMÓRIA DA CULTURA NEGRA NA ATUALIDADE

Jordan Peele, é um ator e cineasta estadunidense nascido em 21 de fevereiro de 1979 na cidade de Nova York. Ele ganhou notoriedade por ter feito parte do elenco do programa humorístico MADtv, contudo, conquistou reconhecimento internacional, aclamação da crítica e destaque de bilheterias por ter produzido, escrito e dirigido Corra! (2017) que lhe rendeu, além das indicações nas categorias de Melhor Filme e Melhor Diretor, o Oscar de Melhor Roteiro Original, no ano de 2018, tornando-se a primeira pessoa negra a receber o prêmio na categoria.

O cineasta recebeu sua segunda indicação ao Oscar de Melhor Filme por produzir BlacKKKlansman (2018), dirigido por Spike Lee. Em 2019, escreveu, produziu e dirigiu o filme de terror Nós. Devido ao seu impacto no mundo do cinema e foi reconhecido em 2017 na lista anual da Time 100 das pessoas mais influentes do mundo e continua a deixar sua presença na indústria cinematográfica, pois é fundador da Monkeypaw Productions.

A marca registrada de Jordan Peele é a utilização da memória e cultura negra como protagonista em suas produções, principalmente nas de terror. O efeito de sua marca confirma que, diferente da maioria dos filmes de terror anterior às suas perspectivas, a personagem negra não será a primeira a morrer, e pode até se tornar a sobrevivente de uma longa sequência de tortura psicológica. Os enredos de suas produções também demonstram que, por mais fictícia que seja a história, o maior vilão sempre será a constante pressão para o apagamento da memória e cultura negra e o fortalecimento de pensamentos coloniais dentro da sociedade atual.

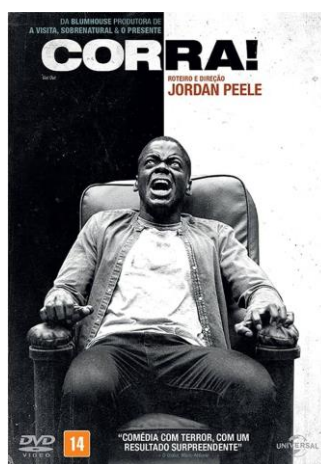
Desta forma, esta seção apresenta uma análise das obras cinematográficas em questão, visando explorar sua contribuição em abordar temáticas sociais e raciais que, para além de somente entreter, suas obras proporcionam reflexões sobre temáticas tão urgentes para a sociedade.

5.1. Corra! (2017)

O filme Corra! (2017) foi dirigido e roteirizado por Jordan Peele, que dedicou boa parte da sua carreira para a comédia, uma produção ganhadora do Oscar de 2018 na categoria de melhor roteiro original e a obra cinematográfica apresenta enquanto temática principal, o racismo. A narrativa sobre o filme acompanha Chris Washington (Daniel Kaluuya), um jovem negro e fotógrafo que está a caminho de

uma viagem com sua namorada branca, Rose Armitage (Allison Williams), para conhecer os pais dela. Tratando-se de um relacionamento recente, Chris a questiona se os pais dela sabem que seu namorado é negro, ao que ela retruca que não há necessidade de comentar, uma vez que diz que seus pais não são racistas e paralelo a isso, observa-se que o amigo de Chris, Rod Williams (Lil Rel Howery), para quem a ideia de conhecer os pais da namorada sempre foi ruim, tenta alertá-lo para ter cuidado com relação à família branca de sua namorada.

Figura 1 - Pôster promocional do filme Corra! (2017)



Fonte: Amazon, 2018.

O encontro de Chris com sua sogra e seu sogro inicialmente revela uma atmosfera amistosa, principalmente pelas vertentes empáticas de suas profissões, que são, respectivamente, Hipnoterapia e Neurocirurgia, mas a forma excessivamente educada de recebê-lo chama a sua atenção. No decorrer da longa-metragem, Chris vai percebendo que existe algo intrigante acontecendo, dentro das situações, destacando-se: a forma insistente da mãe de Rose lhe fornece atendimento psicológico; o hábito do pai da namorada de comentar excessivamente sobre referências pertencentes à cultura negra com tom de apoio para distanciá-lo da ideia de que racismo; e, a relação com os funcionários da casa, Georgina (Betty Gabriel) e Walter (Marcus Henderson), que são todos negros e que favorece para o incômodo do hóspede.

Rose Armitage sempre se mostra compreensiva e empática aos relatos do namorado, como se fosse a primeira vez que vivencia tais situações ao estar em uma relação com uma pessoa negra. Em uma conversa, durante o jantar, é comentado que haverá uma confraternização sediada pelos Armitage para

membros pertencentes da elite, composto apenas por membros de etnia caucasiana, inseridos em uma ordem denominada “O Coagula”, onde os membros da família Armitage são seus líderes. No decorrer da confraternização, convidados tratam o Chris de forma que o leva a se sentir incomodado, evidenciando-se uma face do racismo que se apresenta de forma sutil e com destaque para as características físicas e preocupação a respeito das potencialidades físicas dele.

Durante a conversa, ele avista um convidado negro, o que lhe causa certo alívio, mas ao cumprimentá-lo, Chris estranha a maneira como tal rapaz se comporta e fala. É revelado no decorrer da trama que a confraternização é, em realidade, um evento de leilão que acontece em uma atmosfera silenciosa. Os objetos a serem leiloados são as características físicas de pessoas negras, estes são retirados de indivíduos que têm seus cérebros removidos por meio de hipnose e cirurgia como parte de projetos da Ordem para que o ganhador do leilão tenha acesso às suas habilidades.

Figura 2 - Cena do filme Corra! (2017)



Fonte: Lopes, 2017.

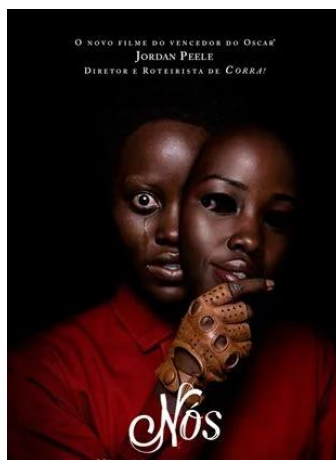
O objetivo do filme é demonstrar que, uma vez que cada projeto fosse sendo realizado, a personalidade e a identidade do homem branco iriam prevalecer sobre a identidade do corpo negro, onde entende-se que a motivação que leva os brancos a possuir corpos negros está voltada para a sua corporeidade, ou seja, aos atributos físicos, e por fim, o objetificando. O clímax do longa-metragem se dá quando Chris descobre o plano da família Armitage e luta para tentar fugir, ao final é salvo por seu amigo Rod Williams. Enfatiza-se na obra permanência da segregação racial nos Estados Unidos, mesmo que passiva, e a precaução inerente às pessoas negras de se enxergar em espaços sociais.

5.2. Nós (2019)

Nós (2019) foi o segundo filme dirigido e escrito pelo ator e comediante estadunidense Jordan Peele. Lançado em 2019, sua narrativa é construída ao redor de uma família de 4 membros (pai, mãe, filho e filha) que pretendem aproveitar o verão em sua casa de praia na costa do país.

Dentro do enredo, observa-se a presença de drama, terror, e suspense para composição de críticas ácidas e subentendidas no cotidiano étnico-racial da população negra nos Estados Unidos. O impacto dos personagens do filme, no entanto, é tido na conscientização da presença de clones, ou duplos, que correspondem à sombra de cada indivíduo humano. Aos clones foi estabelecido que deveriam viver no espaço subterrâneo, refletindo todas as ações desempenhadas pelas pessoas da superfície, porém sem direito a recursos que promovam sua humanidade. Após anos em regime sistemático, as “sombras” compõem um plano para usurpar suas versões da superfície.

Figura 3 - Pôster promocional do filme *Nós* (2019)



Fonte: AdoroCinema, 2019.

A intenção de Jordan Peele é, através desse embate, promover a reflexão de corpos negros na sociedade e suas ações que colonizam sua existência, seja pela intenção de competir com o indivíduo branco e/ou se submeter ao silêncio para não contradizê-lo/incomodá-lo. O estabelecimento de que as sombras devem apenas repetir a ação dos indivíduos da superfície refere-se a ideia de que ao corpo negro não se direciona ao direito à consciência e liberdade por inteiro, apenas para aqueles a favor do sistema social que ainda promove hábitos de uma cultura branca e hierárquica.

O enredo em si centraliza-se no auto-enfrentamento de Red (Lupita Nyong'o) e Adelaide (Lupita Nyong'o), duas das protagonistas do filme, resumindo a dualidade e o conflito que existe entre seres humanos. Enquanto Adelaide é conhecida pela sua introversão social, por vezes se submetendo a valores fora de seus interesses, Red, seu duplo, é a líder da rebelião dos clones que vivem nos esgotos da cidade. A dualidade entre ambas as personagens demonstra o impasse presente na vivência negra, estadunidense e internacional, entre proteger a família da violência cotidiana e lutar pela reivindicação de direitos étnico-raciais, na prática.

Assim, encontra-se na longa-metragem *Nós* (2019), a crítica sobre a percepção de corpos negros na sociedade, e individualmente, como uma autorreflexão do homem negro. Os elementos utilizados para crítica, neste caso, são vinculados não apenas às ações das personagens negras, mas nas reações provenientes das personagens brancas, indicando a dualidade étnica e de resistência racial.

5.3. A lenda de *Candyman* (2021)

Com direção de Nia DaCosta, o filme “A lenda de *Candyman*” (2021) teve sua estreia adiada mais de uma vez devido à pandemia de COVID-19, porém seu significado não se distanciou do real objetivo: ser uma ideia conjunta ao movimento *Black Lives Matter*, ou em português, Vidas Negras Importam. A proposta do filme, sendo um *reboot* da obra “O mistério de *Candyman*” (1992), narra um ciclo de violência que perpetua na comunidade negra que é curada através da figura do *Candyman*, apresentado nessa trama como um anti-herói que vinga os injustiçados dentro e fora da comunidade negra.

O longa-metragem também aborda, como fator principal, a gentrificação em áreas urbanas, refletindo sobre como a violência é renovada de várias maneiras diferentes ao longo da história, principalmente em comunidades de predominância negra e com histórico de sócio-vulnerabilidade local. Na versão cinematográfica de 1992, a lenda de *Candyman* é vista pela perspectiva de uma mulher branca numa comunidade negra, uma comunidade vista como algo animalesco e rústico, a versão de 2021 produzida por Jordan Peele busca mostrar a visão de pessoas negras numa nova narrativa onde pouco é mudado, nos fazendo questionar o que o sistema de nossa sociedade dá e tira da cultura e memória negra.

A lenda de *Candyman* conta a história de Anthony McCoy (Yahya Abdul-Mateen II), um artista plástico negro que após ser uma vez muito reconhecido em seu ramo, vê sua carreira estagnar. O enredo mostra a visão de McCoy de usar a gentrificação no bairro de Cabrini Green em Chicago para compor

suas próximas pinturas, é assim que começa seu processo metamorfósico de ser possuído pelo espírito de *Candyman*.

Figura 4 - Pôster promocional do filme *A lenda de Candyman* (2021)



Fonte: AToupeira, 2021.

A gentrificação exposta no longa é baseada na lenda urbana contada na versão de 1992, que é recontada novamente no filme de 2021, explicando que Cabrini Green era um bairro conhecido por décadas como um complexo habitacional de Chicago com poucos recursos para saneamento básico, segurança e independência sócio-econômica, porém após gerações alegando que não havia como investir na área, empresários e empreendedores perceberam que aquele bairro era melhor em parâmetro geográfico, construindo prédios para classes econômicas mais altas e despejando a comunidade pobre que morava ali e que já não teria mais condições de manter-se no bairro.

Como consequência dessa gentrificação, os reflexos do espírito de *Candyman* são compreendidos pelas fotografias de um bairro abandonado e sendo reconstruído para uma classe majoritariamente branca, como uma recolonização, onde é retirado da comunidade negra, mais uma vez, seus poucos recursos. Esse eixo da história se conecta com a criação e o legado da lenda de *Candyman* transmitida como uma história de um ex-escravo negro que tinha talento para as artes plásticas e pintava quadros de famílias

ricas e brancas da época, após engravidar a filha de um dos senhores de grande influência local, o ex-escravo é perseguido, espancado e torturado, tendo seu corpo mutilado e abandonado à morte, vingando a dor dessa violência através de seu espírito atormentado.

A frase presente na maioria dos vídeos de divulgação referenciados no estudo (2021) do filme de Jordan Peele e Nia DaCosta é “eles amam os que nós fazemos, mas não nós”, dita pela personagem William Burke de Colman Domingo, sendo uma peça-chave do enredo. A frase nos faz entender o porquê do ciclo de violência com pessoas negras continuar a ser perpetuado, o porquê das personagens negras do enredo se sentirem pressionadas a ir além de seu limite de força e saúde mental, e a ter que, em oposição, lidar com traumas e sarar dessa violência a qualquer custo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levando em consideração que Corra! (2017) é uma obra cinematográfica de terror e suspense, a trilha sonora é um recurso de grande importância, uma vez que leva o espectador a uma tensão no decorrer do filme. A música principal está em uma das línguas faladas na África, denominada Suaíli, e que em tradução para o português significa: “ouça seus ancestrais”. A compreensão dessa informação pode ser interpretada enquanto um alerta da ancestralidade para o protagonista acerca de um perigo iminente.

No filme, as pessoas brancas, em especial o pai de Rose, agem com cordialidade demasiadamente excessiva na tentativa de passar uma imagem antirracista, cita-se nesse caso o uso excessivo de expressões que se fazem presente na cultura negra. A cena apresentada durante a confraternização também apresenta outros aspectos ligados ao racismo, como o fato de pessoas brancas se sentirem confortáveis em tocar o protagonista negro sem consentimento prévio, e fazer perguntas desconfortáveis a ele, remetendo à ideia de fetichização da negritude.

Em sua narrativa, o longa-metragem apresenta a dominação e o controle de corpos negros por parte das pessoas brancas através do conhecimento de que Chris seria um dos objetos a serem leiloados, e que conseqüentemente deveria ser avaliado como mercadoria a ser vendida de acordo com suas características físicas e suas potencialidades. A remissiva desse caso é referenciada a partir do período colonial, onde a comercialização das pessoas negras em situação de escravidão era explícita, e assim

como os membros da ordem liderada pelos Armitage, origina-se do interesse de aplicação de poder sobre corpos negros.

Ao se encontrar em um ambiente majoritariamente socializado por pessoas brancas, o protagonista busca apoio das pessoas negras ao seu redor para adaptar-se ao novo espaço. A personagem constantemente utiliza-se dos recursos possibilitados pela identidade racial das pessoas ao seu redor para ter um sentimento de pertencimento e socialização, no entanto, a atitude de subserviência e a forma de agir e falar dos personagens negros que se encontram na casa dos pais da namorada causam nele certa estranheza e ausência de familiaridade. Outro ponto que merece ser mencionado ocorre no final do filme, onde apesar de Chris se entender como a vítima da situação, seu primeiro instinto ao avistar o carro da polícia é o de levantar as mãos para o alto em sinal de rendição, ação que representa a relação que há entre a população negra e as figuras de autoridade, que configura o recurso da passividade e cooperação como uma estratégia de sobrevivência social, tendo sido destacada por diversas vezes ao longo da trama.

A lenda de *Candyman* (2021) é considerada por críticos e ativistas como uma maneira de entender e curar o ciclo de violência com a comunidade negra desde a escravidão, imprimindo que *Candyman* é um legado e uma força que luta pela comunidade, e como complementado pelo ator Tony Todd (*Candyman*, 2021c), protagonista da versão de 1992, após assistir ao trabalho de Jordan Peele e DaCosta e a crítica social trazido através deste, configura-se ainda por uma sensação de desejo de não querer que a figura do *Candyman* existisse ou não precisasse existir.

Essa percepção é tida por entender que, mesmo após séculos, ainda é palpável a marginalização de pessoas negras e o racismo em todas as suas formas e estruturas na sociedade atual, seja pela realidade de indivíduos negros de serem obrigados a se esforçar acima do limite de seus corpos para atingir um patamar medíocre de reconhecimento social, seja pela insegurança social e/ou pelos demais reflexos econômicos dispostos a partir disso.

A maneira como Jordan Peele constrói a obra de *Candyman*, junto à Nia DaCosta, traz a público diversos questionamentos sobre os direitos e recursos da comunidade negra enquanto cidadã e grupo integrante de dignidade e como isso é desenvolvido na prática cotidiana, vinculando esses questionamentos ao movimento *Black Lives Matters* (Interview, 2021).

Durante a entrevista, Nia DaCosta é questionada sobre os valores por detrás da nova versão de *Candyman*, uma vez que se compara e até mesmo chega a incorporar elementos da versão anterior. Ela

descreve que, enquanto na versão cinematográfica de 1992 o enredo se voltava para a protagonista era Helen (Virginia Madsen), uma mulher branca explorando os arredores de uma vizinhança tradicionalmente negra, e para o Candyman (Tony Todd) como um monstro que assombra a região, o filme de 2021 foca apenas nos protagonistas negros e em seu arco de redenção ou vilanização perante a sociedade.

Isto é, DaCosta explica que há uma necessidade de colocar pessoas em um parâmetro monofacetado quando são aclamadas ou odiadas em seu espaço social, tendência que se acentua quando aplicadas a pessoas negras. Para a lenda de Candyman, percebe-se que o monstro apresentado ao final e que se perpetua como um ciclo ritualístico é consequência de uma série de acontecimentos que o fizeram passar de um ser humano multifacetado até se entender como anti-herói, sendo considerado um vilão para a sociedade.

Em mesma comparação, o interesse amoroso de Anthony McCoy, Teyonah Parris (Brianna Cartwright), segue um reflexo da necessidade de um anti-herói que será mal compreendido pela sociedade, pois a protagonista apresenta um histórico de reprimir os próprios traumas para lidar ou auxiliar primeiramente com os traumas e problemas dos que ama. A trajetória de Teyonah de lidar com os próprios traumas e sentimentos fica cada vez mais difícil a partir do momento em que uma nova geração de Candyman se apresenta. Ao fim, percebemos que o Candyman é a figura que busca justiça pelos traumas e complicações causadas pelo racismo estrutural como a gentrificação, segregação e ainda consequências de saúde mental por parte do sistema.

A proposta de Nia DaCosta e Jordan Peele nos faz questionar, a partir da contextualização de Candyman, como combater o sistema racista em que se está inserido sem os recursos necessários. Nesse caso, a figura do Candyman desponta como uma solução etérea aos problemas cotidianos da população negra incentivada pelo ideal racista e colonial intrínseco na sociedade.

Em entrevista para divulgação do longa-metragem (Candyman, 2021c), a produção de *A lenda de Candyman* (2021) explica que a ideia de reforçar diversas vezes no roteiro a necessidade de o espírito de *Candyman* ser chamado pelo seu nome remete à ação popular de falar os nomes de pessoas negras assassinadas pela perpetuação do racismo para não serem esquecidas, aprofundando a ideia de que a memória da violência precisa ser lembrada para que haja justiça. Assim:

[...] o filme além de uma ferramenta facilitadora do aprendizado e domínio de conteúdo em sala de aula também amplia o debate a outros conceitos que permeiam o universo das fontes informacionais, proporcionando uma leitura crítica sobre as diversas tipologias, características e objetivos (Brito, 2017, p. 15).

Gravado em Chicago, mesmo local do longa-metragem de 1992, os bastidores do filme demonstram que a construção do ambiente se deu por meio de diversos aspectos, conscientes e inconscientes, como a ideia de familiaridade, ancestralidade, memória e cultura, esses elementos são essenciais para a compreensão do espectador sobre a metamorfose de McCoy em *Candyman* e na evolução do legado desse “monstro” (2021). É referenciado ainda dentro da ideia de familiaridade evolutiva os motivos de, nesse *reboot*, a imagem de *Candyman* não está somente ligada à de Daniel Robitaille, mas de todas as vítimas de racismo que alimentam o ciclo de violência da comunidade negra.

Nós ... (2019) pode ser considerado o filme mais complexo de Jordan Peele até o momento, pois apesar da clara noção de que se trata sobre um filme sobre as consequências da segregação racial nos Estados Unidos, ainda há muitas teorias sobre a profundidade das referências utilizadas para essa conscientização. As interpretações diversas ainda assim apontam uma área cinza: as dinâmicas sociais, o apagamento do passado problemático, e conscientização social como fator revolucionário.

Construída em torno de uma família negra que busca passar as férias de verão numa casa de praia em Santa Cruz, na Califórnia, os primeiros minutos de tela são cruciais para o entendimento de seu objetivo. Antes da apresentação da família em si, os fatos sobre a infância de Adelaide (Lupita Nyong'o), a protagonista, nos revela destaques como: a campanha “De mãos dadas”, publicidade que passa na televisão nos anos 1980 e tinha o objetivo de combater a fome na África através de uma corrente humana; a personalidade de Adelaide, que tende a ser passiva e introspectiva, mas que torna-se diferente após o encontro com sua cópia; e a sala dos espelhos, canal que liga o mundo de cima com os túneis do outro mundo onde Adelaide tem seu primeiro encontro com Red (Lupita Nyong'o), sua cópia, que representa acima de tudo um espaço para demonstrar como os Estados Unidos sempre busca ignorar e apaziguar o passado problemático ao invés de solucionar o problema. Conta-se ainda com a cena do cartaz bíblico, onde apresenta-se a passagem de Jeremias 11:11 que diz: "Portanto assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre eles, de que não poderão escapar; e clamarão a mim, mas eu não os ouvirei", retratando não apenas a cronologia do filme, mas também expondo o paralelo de sofrimento e injustiça racial que continua a acometer a comunidade negra atualmente.

A inserção de ‘cópias’ na trama são um tributo à agressão normalizada relacionada às questões de privilégio e dinâmicas sociais nos Estados Unidos, onde há uma sociedade branca com direito à liberdade de expressão e privilégios sociais, e uma outra sociedade onde essas dinâmicas são constantemente limitadas e censuradas. Para ... Eloi (2019), crítico de cinema, a demonstração de que o povo do mundo de baixo é condenado a fazer literalmente o que lhes é imposto pelos de cima torna ainda mais interessante o fato de que a liderança de Red é advinda de sua vivência no mundo real, pois é a única que sabe sobre as injustiças que são forçados a passar.

Esta perspectiva nos possibilita compreender que a conscientização de uma situação se inicia através de uma manifestação física, e esta é o primeiro passo para a revolta, em paralelo, a passividade com a qual se lida com a situação é o que fortalece a continuidade e manutenção das diferenças, visto que, com exceção de Red, nem humanos e nem as cópias, ou Arelados, reconhecem a existência do outro. A consciência de dois mundos diferentes que coexistem está representada também pelo uso da tesoura, objeto de dois lados iguais com direções opostas, que é utilizado como a principal arma de Red.

As inúmeras relações entre dois mundos diferentes são interpostas por uma dinâmica em que se vê que um lado está sempre recebendo os privilégios enquanto o outro vive em miséria. Ao dividir-se o filme em três partes, podemos observar como o enredo provoca a mudança dos lados até assumir um equilíbrio, assim temos a primeira parte como o momento antes da vingança das cópias, a segunda parte é o momento da vingança, e a terceira parte seria o contra-ataque.

A primeira parte, demonstra a divisão de mundos colocada pela sala de espelhos, que além de ligar o mundo de baixo e o de cima, também protagoniza o momento em que, durante o primeiro encontro entre Adelaide e Red, vê-se o reflexo sendo esganado e perdendo a voz, assumindo um papel que não lhe era justo. Outro divisor de mundos são as ações da família durante a viagem na praia: Gabe (Winston Duke), que busca a aprovação do colega de trabalho caucasiano a partir das posses que pode adquirir e exibir; Adelaide, que compreendeu que para ser aceita precisa se manter passiva para ser compreendida como elegante pelas pessoas; os filhos, que possui interesses diferentes e/ou estereotipados para sua etnia e cria uma barreira quando tenta conversar com as filhas do amigo de seu pai; e o acontecimento na praia, onde o filho de Adelaide desaparece por alguns minutos próximo à sala dos espelhos e a família se desespera, fazendo uma alusão ao sequestro de crianças para a venda em mercados clandestinos, ou até mesmo uma alusão ao sequestro de povos africanos pelos navios negreiros.

A segunda parte tem a divisória dos mundos estremecida, pois ao ser simbolizada pela tesoura de Red, a balança do privilégio passa a favorecer os Atrrelados que invadem as casas e, ao matar os humanos, assumem seu lugar tranquilamente. Exemplo a este pensamento é a cena em que Kitty Tyler (Elisabeth Moss), mulher branca e esposa do amigo de Gabe, está sendo atacada pela sua cópia, Dahlia, e pede que a assistente virtual ligue para a polícia e, diferente do esperado, a inteligência artificial compreende como uma pedido para tocar a música *Fuck The Police*, em tradução literal, “foda-se a polícia”, do grupo de Hip Hop estadunidense N.W.A, que se torna a trilha sonora de sua morte.

A terceira parte apresenta os momentos finais em que Adelaide persegue Red até os túneis dos Atrrelados para contra-atacar e estabelecer a sua ideia de normalidade. A dualidade dos mundos é interpretada a partir da referência ao mundo de Alice no País das Maravilhas, obra do escritor britânico Lewis Carrol, onde os túneis são um paralelo à descida pela toca do coelho em um incentivo para abraçar a própria loucura. Pode-se observar que o túnel é o mundo de agressões passivas a qual a população negra é obrigada a se submeter para sobreviver diariamente, este aspecto torna as pessoas paranóicas sobre como agir ou como pensar diante de certas situações até beirar a loucura, como Red aponta polemicamente afirmando que no mundo de baixo, todos são loucos.

A cultura negra é rica e diversa, dando destaque para sua relação com arte, espiritualidade e com a natureza, que favorece o cultivo de tradições que refletem em ações culturais até os dias de hoje. Jordan Peele utiliza desses aspectos culturais intrínsecos à comunidade negra para expôr como ela se enfraquece ao ser limitada por uma dinâmica social que ainda está fortemente relacionada a um pensamento racista e colonial. Missiatto (2021) explica que para aqueles que não se encontram dentro da branquitude, a sensação de perda ancestral é recorrente, pois é fruto de um fenômeno chamado de memoricídio racial onde a branquitude, que expressava as identidades indígenas e africanas como subprodutos do *continuum* humano, relegou o conhecimento e o discurso ancestrais para regiões de silêncio e quietude até seu esquecimento. O autor ressalta que:

[...] o esquecimento dos saberes e memórias do povo negro não resulta de processos naturais da história humana em que partes se perdem no tempo que a tudo corrói, pelo contrário, é fruto de ações intencionais executadas pelas elites coloniais que, desde o princípio da formação desse país, agem de inúmeros modos para coibir o direito de Ser e estar das pessoas

afrodescendentes na geografia dos saberes e dos territórios. (Missiato, 2021, p. 253).

As produções de Jordan Peele recuperam a ancestralidade como um sinal de alerta sobre o que continua a acontecer e que, por mais fictícios que sejam os roteiros, se interligam sob uma memória de opressão de uma cultura e apagamento de uma memória. *Corra!* (2017) retrata sobre a segregação social fortalece o pensamento colonial de exploração e fetichização do corpo negro, onde este é mais uma vez imposto como uma mercadoria. *Nós* (2019) apresenta sobre como a dualidade de dois mundos coexistentes é baseado em uma dinâmica de poderes onde a questão racial torna-se um privilégio sobre coisas básicas como o direito de liberdade, e o lado dominante sempre aponta o outro como o problema a ser esquecido e condenado ao adoecimento mental. E, por fim, A lenda de *Candyman* (2021) discute sobre como a perpetuação de dores ancestrais permanecem dentro de um histórico de violência que precisa ser gritado para ser combatido. Os filmes dispostos no estudo demonstram como a memória e cultura negra se entrelaçam socialmente para tornar-se um grito por resistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os objetivos traçados para o desenvolvimento deste estudo, que visa refletir acerca da memória e cultura negra, nas produções do cineasta Jordan Peele, é de se notar que em suas produções apresentam temáticas de extrema importância para se pensar a questão racial. A violência que perpassa os corpos negros, mesmo sendo a experiência da realidade da população negra estadunidense, é uma realidade compartilhada com esta diáspora de uma violência colonial, mas que está presente até a atualidade.

Neste trabalho, foi de grande importância compreender a importância da memória e cultura para a população negra, bem como a sua representatividade, uma vez que a memória e identidade se constituem enquanto elementos importantes no processo de construir e afirmar uma identidade e a representatividade que pode contribuir tanto para a contestação da naturalização de representações degradantes e estereotipadas, quanto para o reforço do racismo enfatizando a inferioridade do negro por um olhar hierarquizante do colonizador, visto que as representações construídas influenciam na subjetividade das pessoas.

Desta forma, o cinema está para além da “sétima arte” ou de fuga da realidade, uma vez que ele se insere nas realidades sociais, culturais e políticas de uma sociedade, sendo as produções cinematográficas fontes de informações para debates e críticas sociais, desta forma o cinema ao tratar de questões sociais a exemplo problemáticas que assolam a população negra como o racismo e a representatividade, ele pode

trazer impacto positivo para a sociedade, buscando contribuir com a eliminação de práticas de silenciamento, discriminação e racismo contra a população negra.

Nesta perspectiva, o presente trabalho apresenta as produções do cineasta Jordan Peele cuja temática acerca das relações raciais se faz presente, bem como a desnaturalização do branco que possui identidade racial e que historicamente nas produções cinematográficas fora representado de forma positiva, mas que paralelamente invisibiliza outros grupos raciais reforçando estereótipos. As produções de Jordan Peele recuperam a ancestralidade como um sinal de alerta sobre uma dinâmica social que se fortalece a partir de uma memória de opressão de uma cultura e do apagamento de uma memória ancestral.

A ação do embranquecimento populacional, que considera a identidade negra como subproduto, relegou o conhecimento e o discurso ancestrais até seu esquecimento social. Com as informações discutidas no artigo, espera-se contribuir para novos conhecimentos acadêmicos acerca das produções cinematográficas de Jordan Peele e o uso do cinema para a discussão das questões étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

DOROCINEMA. **Nós - Filme 2019**. São Paulo, SP: AdoroCinema, 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-255999/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

A LENDA de Candyman: por que você precisa assistir?. Produção: Omeleteve. Intérprete: Alê Garcia. Fotografia de Renan Prestes e Luiz Torreão. Brasil: Youtube, 2021. 1 vídeo (11 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JR3LwpoRQuA&list=LL&index=33&t=6s>. Acesso em: 8 fev. 2022.

AMAZON. **Corra**. Estados Unidos: Universal Pictures, 2018. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Allison-Williams-Catherine-Keener-Kaluuya/dp/B07D18QBS5>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ATOUPEIRA. **Confira novos pôster e trailer de “A Lenda de Candyman”**. São Paulo, SP: A Toupeira, 2021. Disponível em: <https://www.atoupeira.com.br/confira-novos-poster-e-trailer-de-a-lenda-de-candyman>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BÁ, Amadou Hampté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 438 p.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Brasília, DF: Casa Civil, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".** Brasília, DF: Casa Civil, 10 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRITO, Carla Façanha de. O filme como fonte de informação aplicado ao ensino da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, p. 6-18, 2017.

CANDYMAN – A Look Inside (Universal Pictures) HD. Produção: Universal Pictures Trinidad and Tobago. Estados Unidos: Youtube, 2021a. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ppqM4gjBECg&list=LL&index=28>. Acesso em: 8 fev. 2022.

CANDYMAN: Behind the Scenes (2021). Direção: DVD EXtras. Produção: Universal Pictures. Estados Unidos: Youtube, 2021b. 1 vídeo (34 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fslgRs-ewZI&list=LL&index=26>. Acesso em: 8 fev. 2022.

CANDYMAN - The Impact of Black Horror. Produção: Universal Pictures. Estados Unidos: Youtube, 2021c. 1 vídeo (20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8VKtExIE_Ec&list=LL&index=29. Acesso em: 8 fev. 2022.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra.** 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2015.

CRESPO, Maria Rosa. Arqueologia das mídias e profissionais da memória: uma relação simbiótica. **Páginas a & b: arquivos e bibliotecas**, p. 22-33, 2019. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/5427>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ELOI, Arthur. **Nós: Entenda os significados por trás do terror de Jordan Peele.** Omeleteve, São Paulo, SP, não paginado, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/terror/nos-entenda-os-significados-por-tras-do-terror-de-jordan-peelee#46>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ELSAESSER, Thomas. Arqueologia das mídias: o legado de Foucault. *In*: CRESPO, Maria Rosa. Arqueologia das mídias e profissionais da memória: uma relação simbiótica. **Páginas a & b: arquivos e bibliotecas**, p. 22-33, 2019. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/5427>. Acesso em: 23 fev. 2022.

INTERVIEW - Nia DaCosta (Candyman 2021). Produção: Latin Horror. Estados Unidos: Youtube, 2021.1 vídeo (14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAvBsGm-S5A&list=LL&index=15>. Acesso em: 8 fev. 2022.

JENKINS, Barry. Jordan Peele. **Time**, Estados Unidos, não paginado, 2017. Disponível em: <https://time.com/collection/2017-time-100/4742702/jordan-peeel/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

JORDAN Peele: CANDYMAN. Produção: The Movie Times. Estados Unidos: Youtube, 2021. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=38w7wpgB_6k&list=LL&index=30. Acesso em: 8 fev. 2022.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em:

<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

LOPES, Caio. **Crítica**: Corra!. *S.l.*: Cinematecando, 2017. Disponível em: <https://cinematecando.com.br/critica-corra/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MISSIATO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.13, n.24, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2GoW2bgPSeQJ:https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/20210&hl=pt-BR&gl=br>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v.10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

PESSOA, Mônica do Nascimento. Debaixo Do Baobá: A Oralidade Na África Ocidental. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 3., 2017, Florianópolis: UDESC, 2017. p. 1-11. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/viewFile/677/500>. Acesso em: 18 mar. 2024.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações Raciais No Brasil E A Construção Da Identidade Da Pessoa Negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p.257-266, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1047/1/GARCES_Franciaele_Versao%20%20%20Final_no_vembro_2019.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

TV GUIDE. **Jordan Peele**. Estados Unidos: TV Guide, [20--]. Disponível em:
<https://www.tvguide.com/celebrities/jordan-peeel/credits/3000035415/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

THE REFLECTION OF BLACK MEMORY AND BLACK CULTURES REPRESENTED IN JORDAN PEELE'S CINEMATOGRAPHIC PRODUCTIONS

Abstract: It presents reflections on black memory and culture in the cinematographic field in the productions of filmmaker Jordan Peele. To do this, we analyze the films *Get Out!* (2017), *Us* (2019) and *Candyman* (2021) whose themes about racial relations are present. The research is based on a literature review with a qualitative approach. The results indicate that the action of population whitening, which considers black identity as a by-product, relegated ancestral knowledge and discourse to the point of social oblivion, and even after centuries, the marginalization of black people and racism in all its forms and structures is palpable in today's society. It is concluded that Jordan Peele's productions recover ancestry as a warning sign about a social dynamic that is strengthened by a memory of oppression in a culture and the erasure of an ancestral memory.

Keywords: black memory; black culture; Jordan Peele; racial representativity; cinema.